



CORREIO
ELEIÇÕES 2022

Tebet: votos podem migrar

Senadora acredita que é possível romper a polarização e cobra mais ação do Congresso para conter alta de combustíveis

» VICTOR CORREIA

Minervino Júnior/CB/D.A. Press



A senadora e pré-candidata ao Planalto pelo MDB, Simone Tebet, afirmou, na sabatina realizada ontem pelo **Correio Braziliense**, que a pré-candidatura dela "é para valer", diferentemente do que ocorreu com outros concorrentes da terceira via. A presidenciável reiterou a intenção de atrair o voto feminino. Para Tebet, a participação das mulheres na política sempre foi difícil, por não poderem competir em pé de igualdade na disputa partidária.

"A minha pré-candidatura se faz firme e forte no dia a dia. Não vamos nos esquecer de que, no ano passado, estávamos diante de várias pré-candidaturas do chamado centro democrático", lembrou a senadora. "Uma a uma, elas foram caindo. Hoje nós praticamente temos o nosso nome e o nome do pré-candidato do União Brasil (Luciano Bivar)", afirmou Tebet.

A senadora disse não ter dúvidas de que seu nome chegará às convenções partidárias, previstas para agosto, pois conta com o respaldo de 90% dos diretórios estaduais do MDB. Ela lembrou, porém, que a candidatura não será apenas de seu partido, mas também do Cidadanía — que já declarou apoio a Tebet — e do PSDB, caso a executiva nacional da legenda decida por manter o acordo e participar da chapa, indicando um vice.

Já em relação à possibilidade de enfrentar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o atual presidente, Jair Bolsonaro (PL), que lideram as pesquisas de intenção de voto, Tebet acredita que boa parte dos eleitores podem considerar mudar o voto ainda.

"Além dos 30% (que votam na terceira via), 20% dos eleitores de cada lado (Lula e Bolsonaro) estão prontos para poder mudar o voto, se se apresentar um projeto de país que realmente lhe

agrada. E nós estamos prontos para conversar com o Brasil", afirmou a senadora.

Questionada sobre a aproximação de alguns caciques de seu partido com a candidatura de Lula, Tebet afirmou que não critica o diálogo, mas que o movimento não representa a totalidade do MDB.

"É até demérito diminuir o MDB a dois personagens, com todo o respeito que eu tenho a eles. Todo mundo só cita os dois ex-presidentes do Congresso Nacional, Eunício de Oliveira e Renan Calheiros. O MDB é muito maior que isso", disse a presidenciável.

Agenda econômica

Tebet também falou muito sobre os problemas

econômicos nacionais. Em relação à alta no preço dos combustíveis, ela se mostrou favorável à Política de Paridade Internacional, adotada pela Petrobras. "A última coisa que a gente pode pensar é em acabar com a paridade de preços. Acabar com a paridade de preços significa que nós temos um problema não só da escassez do produto, mas poder trazer esse produto para o Brasil", disse a presidenciável.

Tebet mencionou alternativas para o impasse dos combustíveis. Ressaltou, porém, que elas passam pela vontade política do Congresso Nacional. "Qual é a saída hoje? São inúmeras. O Senado Federal se debruçou sobre elas. Você pode, em casos excepcionais, criar créditos extraordinários.

Nós criamos créditos extraordinários para criar o orçamento secreto. Demos calote em investidores, em aposentados, e não conseguimos criar um crédito extraordinário para poder suportar os preços mais baratos dos combustíveis até 31 de dezembro deste ano?", questionou a senadora.

Tebet explicou que, com esse subsídio, poderia haver uma redução de R\$ 1,50 a R\$ 2,00 no litro na bomba de combustível. A médio prazo, ela defende política energética estratégica, mas que não passa pela privatização da Petrobras.

Simone Tebet é uma das três pré-candidatas que concorrem ao Planalto atualmente, ao lado de Vera Lúcia (PS-TU) e de Sofia Manzano (PCB). Ela comentou a dificuldade da

participação feminina no processo político brasileiro.

"Sempre fiz política nos bastidores e cansei de ver, revoltada, cheques polpidos saindo nas candidaturas masculinas", contou. "E quando saiu aquela primeira regra de 30% de candidatas mulheres, as mulheres se arvoraram: 'Agora vai, vou entrar para a vida pública!'. Elas saíram com um pacotinho de santinhos, algumas camisetas e brindes, achando que iam competir em pé de igualdade", lamentou a parlamentar.

A senadora destacou a atuação da bancada feminina do Congresso Nacional para aprovar a regra que destina 30% do Fundo Partidário para candidatas, e disse que a medida aumentou, em 2018, em 46% o número de deputadas federais eleitas.



Nós criamos créditos extraordinários para o orçamento secreto; demos calote em investidores, em aposentados, e não conseguimos criar um crédito extraordinário para poder suportar os preços mais baratos dos combustíveis até 31 de dezembro deste ano?"

Simone Tebet (MDB)

Três ausentes na sabatina

» TAINÁ ANDRADE
» DEBORAH HANA CARDOSO

Três pré-candidatos convidados para a sabatina do **Correio** faltaram à rodada de entrevistas. São eles: Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Bolsonaro (PL) e Luciano Bivar (União Brasil). Durante o período reservado para cada um dos ausentes, os jornalistas do **Correio** compartilharam análises sobre os pontos mais relevantes desses postulantes ao Planalto.

Líder nas pesquisas de intenção de voto, Lula ficou em São Paulo. Pela manhã, ele deu entrevista uma emissora de rádio do Rio Grande do Sul. À tarde, encontrou-se com o ex-primeiro-ministro da França Dominique de Villepin.

Lula ainda participou do lançamento do livro *Querido Lula*, da historiadora Maud Chirio. A publicação reúne algumas das 25 mil cartas endereçadas durante os 580 dias em que Lula esteve preso na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba, no Paraná.

Também ausente na sabatina, Bolsonaro esteve na 16ª edição Bahia Farm Show, na cidade de Luís Eduardo Magalhães (BA). O estado é governado pelo petista Rui Costa, que deverá comparecer hoje à feira de tecnologia agrícola.

Bolsonaro era esperado na cerimônia de entrega do Prêmio FPA em Comemoração aos 10 anos do Código Florestal na noite de ontem, em Brasília. Ele teve seu comparecimento cancelado naquela noite.

Luciano Bivar tampouco participou da sabatina do **Correio**, seja presencialmente, seja por meio virtual. Ontem, em Brasília, o União Brasil oficializou a pré-candidatura do deputado federal para o Palácio do Planalto. O partido recebeu praticamente R\$ 1 bilhão dos Fundos Eleitoral e Partidário para as eleições deste ano.

Como presidente do União Brasil, Bivar participou de conversas para a formação de uma candidatura única na Terceira Via. Mas desembocou das negociações e apresentou o seu nome para o Planalto. Ontem, ele comentou o que pretende fazer na campanha eleitoral.

"Eu não acho justo que brasileiros vivam espremidos em uma ameaça autoritária e outra populista", comentou. Apesar do comentário de Bivar, integrantes do União Brasil tendem a apoiar Jair Bolsonaro.

Minervino Júnior/CB



D'Avila: Brasil no século 20

» RAPHAEL FELICE

Minervino Júnior/CB



Em participação na sabatina do **Correio**, o pré-candidato pelo Novo defendeu uma ampla agenda de reformas, como a trabalhista, e definiu como "inacreditável" a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) ser o único modelo de formalização de atividade no Brasil. Segundo o presidenciável, o empregador e empregado precisam ter maior liberdade para negociar o contrato.

"É inacreditável que a única formalização de relações trabalhistas seja a CLT, uma lei criada no governo Getúlio Vargas na metade do século XX, seguir regulamentando as novas regras do trabalho do século XXI. Temos que avançar com a reforma trabalhista, fazendo aquilo que é negociado valer mais que o legislado, ou seja, ter mais livre acordo entre empregador e empregado", frisou.

D'Avila também defendeu as reformas tributária e administrativa. O sabatinado ressaltou a necessidade de simplificar os impostos e padronizar as regras tributárias do Brasil com o restante do mundo, além de entrar "o mais rápido possível" na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Para Felipe D'Avila, há "muita gordura" para enxugar os gastos públicos e criticou instrumentos como as emendas de relator. "O ranking World Economic Forum mostra que o Brasil é o 10º país do mundo em desperdício de dinheiro público, como as emendas de relator (orçamento secreto). Tudo isso é um mau uso do recurso público sem

nenhum balizamento em dado, em evidência e em retorno social", criticou.

Defensor do liberalismo econômico e de uma menor participação do Estado na economia, D'Avila é a favor da privatização da Petrobras. Segundo ele, a alta nos preços dos combustíveis é oriunda do monopólio da Petrobras no setor de petróleo.

"Eu gosto de citar o exemplo de quando nós tínhamos a Petrobras da telefonia, a Telebrás, nos anos 90. Para conseguir uma

linha telefônica, você tinha que ficar anos na fila, nós declarávamos no imposto de renda como um bem, como fosse um carro, de tão caro [...] e hoje todo brasileiro tem um telefone no bolso", lembrou.

"Portanto é óbvio que a privatização, quando é feita de forma criteriosa e não uma transferência do monopólio público para o monopólio privado, mas que gere o aumento da concorrência, quem ganha com isso é o povo", complementou.

» CRISTIANE NOBERTO

Pré-candidata à Presidência pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), a economista Sofia Manzano também é favorável a mudanças no regime trabalhista brasileiro. Entre as propostas para recuperação dos empregos, ela defende a redução da jornada de trabalho para 30h, sem redução do salário.

Ela resumiu pontos importantes da pré-candidatura. "Temos um programa com oito pontos emergenciais para o desenvolvimento e renda da classe trabalhadora que envolvem obras públicas, saneamento, moradia e infraestrutura", comentou. Ela propôs,

ainda, "uma reforma agrária urgente e necessária, não só para mudar a estrutura de produção de alimentos e preservação do meio ambiente, mas para as lavouras familiares que geram emprego".

Manzano ainda destacou que, diferentemente do PSTU, o partido não aceita de "forma alguma armazém a população". Segundo ela, "é a mais equivocada maneira de se enfrentar a violência pública em nosso país".

Para a educação, Manzano defendeu ensino técnico aos jovens para mercado de trabalho. "Será a nossa bandeira de luta para o próximo período, independentemente de quem vença as eleições."

Sofia: jornada de 30 horas

» CRISTIANE NOBERTO

Pré-candidata à Presidência pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), a economista Sofia Manzano também é favorável a mudanças no regime trabalhista brasileiro. Entre as propostas para recuperação dos empregos, ela defende a redução da jornada de trabalho para 30h, sem redução do salário.

Ela resumiu pontos importantes da pré-candidatura. "Temos um programa com oito pontos emergenciais para o desenvolvimento e renda da classe trabalhadora que envolvem obras públicas, saneamento, moradia e infraestrutura", comentou. Ela propôs,

ainda, "uma reforma agrária urgente e necessária, não só para mudar a estrutura de produção de alimentos e preservação do meio ambiente, mas para as lavouras familiares que geram emprego".

Para a educação, Manzano defendeu ensino técnico aos jovens para mercado de trabalho. "Será a nossa bandeira de luta para o próximo período, independentemente de quem vença as eleições."

É inacreditável que a única formalização de relações trabalhistas seja a CLT, uma lei criada no governo Getúlio Vargas na metade do século XX, seguir regulamentando as novas regras do trabalho do século XXI!"

Luiz Felipe D'Avila (Novo)

nenhum balizamento em dado, em evidência e em retorno social", criticou.

Defensor do liberalismo econômico e de uma menor participação do Estado na economia, D'Avila é a favor da privatização da Petrobras. Segundo ele, a alta nos preços dos combustíveis é oriunda do monopólio da Petrobras no setor de petróleo.

"Eu gosto de citar o exemplo de quando nós tínhamos a Petrobras da telefonia, a Telebrás, nos anos 90. Para conseguir uma

linha telefônica, você tinha que ficar anos na fila, nós declarávamos no imposto de renda como um bem, como fosse um carro, de tão caro [...] e hoje todo brasileiro tem um telefone no bolso", lembrou.

"Portanto é óbvio que a privatização, quando é feita de forma criteriosa e não uma transferência do monopólio público para o monopólio privado, mas que gere o aumento da concorrência, quem ganha com isso é o povo", complementou.

"Eu não acho justo que brasileiros vivam espremidos em uma ameaça autoritária e outra populista", comentou. Apesar do comentário de Bivar, integrantes do União Brasil tendem a apoiar Jair Bolsonaro.